DESVENDANDO

ÁLBUNS CLÁSSICOS DO

ROCK

Radiohead
Kid A

MARCO ANDRÉ BRIONES

VISIT...

DESVENDANDO

ÁLBUNS CLÁSSICOS DO

ROCK

Radiohead
Kid A

MARCO ANDRÉ BRIONES

ÍNDICE

INTRODUÇÃO À OBRA
DEDICATÓRIA
FICHA TÉCNICA
LISTA DE CANÇÕES DO ÁLBUM
ORIGENS DO ÁLBUM
ANÁLISE DO ÁLBUM – FAIXA A FAIXA
EVERYTHING IN ITS RIGHT PLACE
KID A
THE NATIONAL ANTHEM
HOW TO DISAPPEAR COMPLETELY
TREEFINGERS
OPTIMISTIC
IN LIMBO
IDIOTEQUE
MORNING BELL
MOTION PICTURE SOUNDTRACK
O LEGADO DE "KID A"
CONTATO COM O AUTOR
LINK PARA A AMAZON
BIBLIOGRAFIA
PLAYLIST NO SPOTIFY
LINKS NO YOUTUBE
SOBRE O AUTOR

Introdução à série "DESVENDANDO ÁLBUNS CLÁSSICOS DO ROCK"

Caro leitor:

A ideia de criar a presente série me ocorreu quando um dia eu estava conversando com a minha amiga Marta Secco sobre rock e ela me sugeriu que eu deveria começar a escrever sobre o assunto, pois sabe o quanto gosto do tema, além de ter uma vasta coleção de livros e DVDs sobre as mais variadas bandas e artistas. O outro fator motivador para a concepção da série, chamada "Desvendando Álbuns Clássicos do Rock" surgiu através de um velho amigo meu chamado Marcelo Avedissian, que me enviou uma brincadeira através do Facebook, pedindo que listasse os meus 10 álbuns favoritos, sem qualquer tipo de comentário. Respondi que isso seria impossível, pois teria muito mais do que 10 álbuns para escolher e, principalmente, eu gostaria de explicar por que eles são especiais para mim e contar a história e origem de cada uma das canções. Assim, brotou em minha mente o conceito da série.

Percebi também que, embora eu aprecie muito descobrir novos artistas, bandas, álbuns e estilos musicais, alguns álbuns sempre acabam sendo ouvidos novamente, voltando como amigos saudosos que regressam após uma longa viagem. Considero que aqueles que fazem parte dessa série são meus parceiros de longa data, que vem me acompanhando há décadas, através dos momentos de alegria e tristeza. Sempre estiveram disponíveis, ao meu lado, para celebrar comigo os momentos de felicidade ou me confortar em minha dor nos momentos de sofrimento.

Desta forma, pensei que uma maneira através da qual eu poderia retribuir tantos bons momentos e horas de companhia que tive durante todos esses anos seria fazer uma homenagem, um pequeno tributo, aos meus artistas favoritos e aos álbuns que mais marcaram a minha vida. Os leitores atentos notarão que não necessariamente escolherei os álbuns mais famosos ou vendidos de cada artista. Algumas vezes isso acontecerá, mas a escolha foi feita por serem aqueles que são especiais para mim, tendo entrado em minha história pessoal de uma maneira muito intensa, fazendo parte da minha formação musical até os dias de hoje.

Adotei alguns critérios para elaborar essa série: cada artista terá apenas um álbum selecionado. Iniciarei com uma ficha técnica, citando os músicos envolvidos e as faixas do álbum. Na sequência, descreverei a origem do álbum, de onde e como ele surgiu. Em seguida, farei uma análise detalhada de cada uma das faixas, finalizando com o legado deixado pela obra do artista escolhido. Serão

disponibilizados também alguns links no final, para que possam ouvir e ver os artistas em questão.

Atualmente tenho os seguintes títulos já publicados e disponíveis, que fazem parte do meu primeiro volume de álbuns analisados:

The Beatles – The White Album

Rush – Permanent Waves

U2 – The Joshua Tree

The Police - Synchronicity

Deep Purple – Made in Japan

Marillion – Clutching at Straws

Van Halen – 1984

Tears for Fears – The Seeds of Love

Genesis – A Trick of the Tail

Black Sabbath – Paranoid

Já estão sendo publicados os títulos do segundo volume, sobre os álbuns a seguir:

Rainbow – Rising (já publicado)

Pink Floyd – The Wall

Peter Gabriel – Us

John Lennon – Plastic Ono Band

Queen – The Game (já publicado)

Iron Maiden – Piece of Mind (já publicado)

The Smiths – The Queen is Dead

Kiss – Creatures of the Night (já publicado)

Supertramp – Breakfast in America (já publicado)

Esse e-book é minha singela homenagem, além de uma forma de agradecimento aos anos de alegria e companhia que a obra eterna do Radiohead tem me dado. Espero que após a leitura do presente volume, você possa ouvir novamente “Kid A” com uma nova compreensão e apreciação, conhecendo as histórias e inspiração por trás de cada uma das faixas. Tenho certeza de que você o escutará de uma outra maneira e, quem sabe, ele também venha a lhe acompanhar pelo resto de sua vida.

Desejo-lhe uma boa viagem musical!

Marco André Briones

marcoandrebriones@gmail.com
São Paulo, outubro de 2022

DEDICATÓRIA

Dedico esse volume à Moni Falcão, com quem eu tomei conhecimento da obra do Radiohead.

Ela me presenteou com os três primeiros CDs da banda e, assim que "Kid A" foi lançado, ela também comprou um exemplar para mim de presente. Ouvimos juntos incontáveis vezes essa obra prima e descobrimos uma nova sonoridade que não conhecíamos.

Tenho até hoje ótimas lembranças desses momentos que passamos juntos descobrindo uma música totalmente revolucionária e que me marcou para o resto da vida.

Sou grato a ela por ter me iniciado na obra do Radiohead e pelos sons maravilhosos que pudemos descobrir escutando "Kid A" atentamente.

ÁLBUNS CLÁSSICOS DO ROCK – VOLUME 16

RADIOHEAD – KID A

FICHA TÉCNICA

ANO DE LANÇAMENTO - 2000

PRODUZIDO POR – NIGEL GODRICH & RADIOHEAD

MÚSICOS PRINCIPAIS –

- THOM YORKE – VOCAL, GUITARRA, VIOLÃO, BAIXO, TECLADOS, PIANOS, EFEITOS, HARMONIUM
- JONNY GREENWOOD – GUITARRA, TECLADOS, PIANOS, EFEITOS, ONDES MARTENOT, ARRANJOS ORQUESTRAIS
- COLIN GREENWOOD – BAIXO, EFEITOS, TECLADOS
- PHIL SELWAY – BATERIA, EFEITOS
- ED O' BRIEN – GUITARRAS, VIOLÕES, EFEITOS
- ORCHESTRA OF SAINT JOHN'S – CORDAS EM "HOW TO DISAPPEAR COMPLETELY"
- JOHN LUBBOCK – CONDUTOR
- METAIS EM "THE NATIONAL ANTHEM"
    - Andy Bush – Trumpete
    - Steve Hamilton – Saxofone Alto
    - Martin Hathaway – Saxofone Alto
    - Andy Hamilton – Saxofone Tenor
    - Mark Lockheart – Saxofone Tenor
    - Stan Harrison – Saxofone Barítono
    - Liam Kerkman – Trombone
    - Mike Kearsey – Trombone Baixo

AUTORIA DAS CANÇÕES

Todas as canções são de autoria de Thom Yorke, Ed O'Brien, Jonny Greenwood, Colin Greenwood e Phil Selway.

LISTA DE CANÇÕES DO ÁLBUM

1	**EVERYTHING IN ITS RIGHT PLACE**
2	**KID A**
3	**THE NATIONAL ANTHEM**
4	**HOW TO DISAPPEAR COMPLETELY**
5	**TREEFINGERS**
6	**OPTIMISTIC**
7	**IN LIMBO**
8	**IDIOTEQUE**
9	**MORNING BELL**
10	**MOTION PICTURE SOUNDTRACK**

ORIGENS DO ÁLBUM

“Se há algo que pode ser mudado nesse mundo, então isso só poderá acontecer através da música” – Jimi Hendrix

“Algumas vezes uma música realmente poderosa pode ser um presságio de coisas que estão por vir. Como toda forma de arte, há um elemento de ver o futuro, não importando o quão ingênuo ou mal iluminado seja” – Thom Yorke

O que uma banda que acabou de atingir o auge do sucesso internacional, ter tido sua obra reconhecida pela crítica e músicos, ingressos esgotados em todos as suas apresentações, e grandes quantidades de fãs em toda parte pode fazer após ter alcançado a fama em todo o mundo?

Basicamente existem três opções: a primeira e mais segura, ao menos teoricamente, é a de se manter a fórmula que a levou ao sucesso em seus trabalhos seguintes. A segunda, mais dramática, seria a de encerrar a banda em seu apogeu, como ocorreu com o trio “The Police”, após o lançamento de seu melhor álbum (Synchronicity). O próprio Ed O’Brien, guitarrista da banda, chegou a declarar: “Nós tivemos de pensar longamente e arduamente se queríamos prosseguir ou não. O que quero dizer é, por que não deixar tudo enquanto estamos no topo?”. Por fim, a terceira e mais difícil de toda é a da banda se reinventar, abandonando toda a sonoridade e características que as alçaram ao estrelato para tentar algo completamente novo, revolucionário e desconhecido, como fez o U2 após os álbuns “The Joshua Tree” e “Rattle and Hum”, antes de se reinventarem com o incrível “Achtung Baby”. É claro que o risco de tal empreitada é elevadíssimo, mas o Radiohead nunca foi uma banda convencional em nenhum sentido, muito pelo contrário. Os desafios musicais, a criatividade sem limites de seus integrantes e a busca pela inovação sempre foram marcas presentes em toda a obra da banda.

Desta forma, ao olharmos para trás e analisarmos a trajetória do incrível quinteto britânico, agora nos parece evidente que eles não se acomodariam com todo o sucesso que já haviam obtido com o seu terceiro álbum, o magnifico “OK Computer”, e trilhariam um caminho totalmente novo em seu trabalho seguinte.

Ao longo do tour promocional de “OK Computer”, após terem realizado um monumental show em Dublin, o vocalista Thom Yorke teve um colapso mental e nervoso. Ele só pensava em como poderia

fazer para desaparecer do local de onde estava e nunca mais ser visto nos palcos. Alguns dias mais tarde, em Birmingham, sofreu novamente um outro episódio, que o impossibilitou de falar. Embora conseguisse perceber que as pessoas a sua volta estivessem tentando falar com ele, não conseguia ouvi-las nem as responder.

Yorke sentia um enorme desejo de estar longe de todo aquele circo musical do qual ele era a figura central, que o trazia sentimentos de raiva e desconfiança. Ele não conseguia celebrar o sucesso alcançado pelo Radiohead. Vários desses momentos de tensão e stress foram captados pelas câmeras do documentário "Meeting People is Easy", no qual podemos presenciar Thom Yorke literalmente se tornando desorientado e infeliz com a adulação e compromissos intermináveis em todos os países em que o Radiohead se apresentava. "OK Computer" e sua tour de dois anos duração elevou o Radiohead aos patamares do U2 e R.E.M.

Devido ao péssimo estado físico e mental em que Yorke se encontrava, se tornou impossível iniciar o trabalho para o novo álbum durante um longo período. Ele não aguentava mais ouvir o som de sua própria voz nem das guitarras. Também não conseguia sequer pensar em escrever novas letras para as canções que fariam parte do quarto álbum do Radiohead. Chegou até mesmo a declarar que o Ano Novo entre 1998 e 1999 foi um dos piores momentos de sua vida, pois chegou a pensar que estivesse enlouquecendo totalmente.

Passou a ouvir ininterruptamente apenas bandas e artistas de música eletrônica contemporânea, tais como Autechre, Aphex Twin e Boards of Canada. Além disso, passou a ouvir muito jazz. Quanto mais livre e solto fosse, melhor. Quase nunca ouvia bandas que usassem guitarras. Ele não queria mais saber de melodias, apenas ritmos. Estava se sentindo embaraçado por compor melodias.

A crise pela qual passou foi tão profunda que o levou a passar muito tempo sozinho, tentando se livrar da fase autodestrutiva na qual se encontrava. Em um determinado momento chegou a acreditar que nem ele ou a banda tinham qualquer talento, que eles estavam apenas blefando e que, cedo ou tarde, seriam descobertos. Yorke se tornou uma pessoa muito difícil de se trabalhar e o restante da banda sofreu muito com isso.

Ed O'Brien afirmou que Yorke não sabia como deveria ser o novo álbum da banda, mas sim, como ele não deveria ser, pois não aguentava mais fazer parte de uma banda clássica de rock and roll. Revelou também que o vocalista perde a paciência rapidamente e é muito bom em estimular seus colegas de banda a criarem coisas novas. Por sua vez, O'Brien e o baixista Colin Greenwood queriam que a banda voltasse a compor canções pop de três minutos, uma espécie

de retorno às raízes do Radiohead.

Durante esse período, Jonny Greenwood ouviu muito a obra do compositor polonês Krzysztof Penderecki. Já Thom Yorke revelou que leu o livro “Crônicas de Marte”, de Ray Bradbury, e que a descrição do tipo de música que os indivíduos marcianos ouviam o inspirou na criação de “KID A”. Ele considera que a natureza de ser um compositor ou pintor é a de se manter uma mente aberta como se fosse um iniciante. A busca é o ponto principal do trabalho, assim como o processo criativo em si.

Ainda estando inseguro sobre como deveria ser o novo rumo a ser adotado pelo Radiohead, Yorke procurou o guitarrista e tecladista Jerry Harrison do Talking Heads, uma das maiores referências musicais do Radiohead, da qual a banda inclusive obteve seu próprio nome. O álbum “Remain in Light” do Talking Heads sempre foi um trabalho muito admirado pelos músicos do Radiohead. Yorke questionou Harrison sobre os métodos utilizados por sua banda durante a gravação do álbum, o perguntando se haviam utilizado loops ou haviam tocado tudo. Para sua surpresa, Harrison declarou que a banda havia tocado tudo, embora a música soasse como se fossem loops.

Tendo em vista que Yorke nunca se importou muito se as pessoas gostassem dele ou não, tais preocupações não o atormentaram e o deixaram livre para conduzir o Radiohead por um novo caminho, muito mais eletrônico, experimental e inovador.

A gestação e criação do novo trabalho durou cerca de três anos, pois a banda sofreu ao precisar se adaptar à nova proposta sonora e de criação concebida por Yorke, até mesmo para se sentirem confortáveis com o fato de que nem todos os integrantes tocariam em todas as faixas do novo álbum e, em vários momentos, não estariam necessariamente tocando seus instrumentos habituais ou sequer tocando algum instrumento. Essa nova abordagem exigiu que a banda conseguisse superar suas inseguranças e encontrasse maneiras de contribuir para uma canção sem sequer tocarem uma nota nela. O’Brien disse:” Se vamos mudar tudo, precisamos mudar a metodologia do trabalho, e isso é assustador. Eu sou um guitarrista e, de repente, não há guitarras nessa faixa, apenas bateria. O que eu devo fazer?”. Eles tiveram de desaprender a tocar e inventar novas maneiras de usar seus instrumentos. “Phil, Colin e eu passamos por vários dilemas em várias etapas do processo de gravação do álbum,”, afirmou O’Brien. “Como poderíamos contribuir para essa nova música? Todos nós nos perguntávamos se não seria melhor que nós

simplesmente deixássemos o projeto, pois foi algo muito assustador de ser feito inicialmente."

Para a banda foi muito difícil trabalhar desta forma, pois a banda precisou ser reformulada, mas mantendo os mesmos cinco integrantes, só que usando instrumentos diferentes e com atuações diversas em cada faixa.

A esposa de Yorke nessa época, Rachel, notou que ele estava passando por um período de bloqueio criativo e disse para ele parar de escrever e compor. Nessa fase ele apenas desenhava paisagens que, mais tarde, acabaram se transformando nas magníficas paisagens sonoras presentes em "KID A", assim como em sua emblemática capa. Através delas, Yorke finalmente conseguiu contar suas novas histórias e exorcizar seus medos.

O Radiohead passou por uma fase em que a banda se sentiu como que se estivesse atolada, sem que conseguisse criar nada de novo ou diferente. O problema que enfrentavam é que tudo que criavam soava exatamente como eles. E isso era inaceitável para a banda naquele momento. Por esse motivo eles continuaram buscando o diferente. No entanto, tal busca é muito árdua, pois ninguém consegue definir o que é diferente até que tenha ouvido algo que possua essa característica. Colin Greenwood disse que eles não sentiam conexão com o que haviam gravado até então. Sentiam que tinham de mudar tudo.

Durante 1999 e 2000 a banda decidiu desconstruir sua sonoridade característica para tentarem criar algo totalmente novo. Yorke em particular queria experimentar tudo de novo e que todo processo de criação e gravação fosse completamente diferente do que havia ocorrido anteriormente.

Yorke confessou que durante as sessões de gravação do álbum todos os integrantes usaram seus laptops, sendo que em alguns dias tocavam seus instrumentos por apenas cerca de meia hora e trabalharam o restante do dia em seus laptops. No entanto, considera que isso foi necessário para que pudessem criar e mesclar todos os sons que conceberam em uma obra única. O objetivo era não criar um hit. Portanto, várias canções foram concebidas em até nove versões diferentes, com arranjos distintos, assim como instrumentação, tons e produções.

O baterista Phil Selway considerou que o processo era totalmente diferente daquele de composição tradicional, afirmando que a banda trabalhou muito mais como produtores do que como músicos. Por isso é que o álbum é uma perfeita criação de estúdio.

Na visão de Thom Yorke, uma boa composição musical é como um buraco na parede que permita que o ouvinte veja um outro lugar que

ele não sabia que existia. Ainda de acordo com sua visão artística, toda boa obra musical ou escrita faz com que deixamos de nos sentir presos. No período em que estavam compondo "KID A", ele não se sentiu como se estivesse escrevendo sobre ele mesmo. Ele encontrou uma maneira de aproveitar as letras que havia escrito até então. Ele simplesmente passou a escrever linhas de texto, as cortar, misturar dentro de uma cartola e as retirar para usá-las de forma imprevisível para a criação das bases das letras do novo projeto, seguindo os métodos dadaístas concebidos por Tristan Tzara. Yorke negou escrever letras autobiográficas, dizendo que ele escrevia letras "espasmódicas" baseadas nas imagens criadas por ele em seus desenhos. Nem mesmo a banda sabia qual era o tema das canções, pois Yorke não conversou com eles sobre as letras que havia escrito, segundo Ed O'Brien.

O novo álbum, que posteriormente se tornou "KID A" foi o trabalho no qual Thom Yorke dominou o processo de criação mais do que em qualquer outro álbum anterior da banda. No entanto, ele se sentiu aliviado ao notar que a banda o apoiava em seu novo direcionamento musical. Ed O'Brien declarou explicitamente que Yorke conduziu o álbum, o que foi uma grande revelação para ele, pois seu colega aplica uma incrível ética artística de trabalho, pelo fato de ter estudado arte na universidade e ser uma pessoa muito motivada. É importante lembrar também que Thom havia sido um DJ em seus tempos de universidade. Sua visão era de que uma vez que algo havia sido feito não deveria ser repetido. Novos caminhos deveriam ser trilhados. O'Brien comparou seu companheiro de banda à linhagem de grandes artistas como David Bowie e John Lennon por seu talento inovador e dom artístico.

O processo de criação da banda foi através da busca de "acidentes felizes" durante as gravações. A banda trabalhou destruindo métodos e hábitos, tentando fazer tudo da maneira mais difícil o tempo todo.

Colin Greenwood disse que foram gravadas guitarras para todas as faixas. Elas simplesmente foram cortadas na mixagem. Ele considera que o álbum é basicamente acústico, com muita manipulação digital feita posteriormente. Ed O'Brien e Phil Selway criaram sons em teclados e sequencers. Já Jonny Greenwood basicamente tocou Ondes Martenot e fez arranjos para cordas.

Thom insistiu que ele não queria gravar um trabalho solo, e sim, um novo álbum do Radiohead, afirmando que não teria a confiança necessária para criar o trabalho sozinho. As coisas finalmente começaram a acontecer quando ele comprou um piano, no qual ele tinha dificuldade para compor, pois não dominava o instrumento. Porém, ele declarou que tal limitação acabou o ajudando, já que

eliminou o bloqueio criativo pelo qual ele passava, o instigando a criar sons e acordes que não conhecia. Algo semelhante ocorreu com o guitarrista Jonny Greenwood, que abandonou seu instrumento por um bom período de tempo, se dedicando exclusivamente a um tipo de instrumento predecessor dos sintetizadores, chamado Ondes Martenot.

O instrumento utilizado por Jonny Greenwood, o lendário Ondes Martenot, é um aparelho estranho que soa como um theremin, mas aparenta ser um teclado antigo, tendo sido inventado por Maurice Martenot em 1928, que foi um inventor francês que tocava violoncelo e trabalhou como telegrafista durante a Primeira Guerra Mundial. O instrumento emite uma única nota trêmula que pode subir e descer de tonalidade, lembrando remotamente uma voz humana, só que com um caráter mais espiritual ou fantasmagórico, raramente ouvido na música popular até o lançamento de “KID A”. Podemos perceber tal instrumento particularmente nas faixas “The National Anthem” e em “How to Disappear Completely”.

A sonoridade tão peculiar do instrumento encantou o guitarrista, que passou a estudar profundamente o instrumento com músicos franceses, e a utilizá-lo em várias das faixas do novo álbum, trazendo a elas uma sonoridade bizarra, etérea e misteriosa. Greenwood também havia estudado a obra do compositor e místico Olivier Messiaen antes de se juntar ao Radiohead. Messiaen foi um dos maiores conhecedores e divulgadores do Ondes Martenot, o tendo empregado como peça central de sua obra monumental chamada “Turangalila Symphonie”.

No período imediatamente anterior ao início das gravações de “KID A”, a banda estava meio do processo de construir seu próprio estúdio. Porém, tendo em vista que ele ainda não estava pronto, decidiram partir para Paris, para realizar gravações no renomado estúdio Guillaume Tell. Infelizmente poucos fragmentos de canções foram criados e registrados nesse período. Apenas um esboço de uma primeira canção, intitulada “Lost at Sea”, que posteriormente seria recriada com o nome de “In Limbo”, surgiu dessas sessões parisienses.

No entanto, nem tudo foi perdido pois, durante a estadia na capital francesa, Thom Yorke e seu velho amigo e colaborador, o artista gráfico Stanley Donwood, visitaram uma exposição no Centro Georges Pompidou sobre o artista David Hockney, que acabou lhes dando a inspiração para a parte gráfica e visual da capa do álbum, com enormes e incríveis paisagens majestosas e as imagens apocalípticas do álbum.

Depois continuaram as sessões de gravação em Copenhagen, na qual passaram duas semanas pouco frutíferas em termos de resultados concretos. Finalmente foram para Batsford Park em janeiro de 2000, uma mansão do século XIX. O produtor Nigel Godrich sugeriu que a banda se dividisse em dois grupos: um que trabalharia na sala de programação, criando loops e sequências e um outro que focaria sua atenção nas partes já criadas pelo primeiro grupo. O detalhe é que ninguém poderia usar qualquer tipo de instrumento acústico. Godrich disse que o trabalho foi muito difícil. Alguns membros da banda deixaram de falar uns com os outros e ocorreram muitas discussões.

Yorke declarou que o produtor Nigel Godrich apreciava a ideia de capturar uma atuação em estúdio, mesmo que a banda estivesse apenas usando instrumentos eletrônicos, não permitindo que eles apenas programassem efeitos e os acionassem. Sempre deveria haver algo mais acontecendo, com processamento em tempo real.

Nessa fase, Ed O'Brien, que até então havia sido o membro mais resistente à nova guinada musical da banda, finalmente aceitou o desafio musical proposto por Yorke, pois sentiu que seu colega estava estimulando muito todos os membros da banda, mostrando que era fácil usarem novos instrumentos e ferramentas para criarem uma sonoridade distinta. A mudança de atitude de O'Brien foi tão intensa que o baterista Phil Selway relatou que um dia viu seu colega guitarrista chegar ao estúdio segurando uma guitarra e acho aquilo bizarro, pois parecia quase como se fosse uma relíquia do passado.

A banda trabalhou junta durante muito tempo, conseguindo criar canções ou fragmentos de 60 faixas diferentes. Embora tivesse ocorrido uma grande quantidade de manipulação digital das gravações, tudo foi registrado ao vivo. Eles manipulavam os efeitos ao vivo, enquanto estavam sendo gravados, como por exemplo ocorreu no vocal de "Everything in its Right Place". A voz dele não soava como sendo ele cantando, mas era exatamente esse o efeito que ele buscava, pois estava cansado de ouvir sua própria voz e das guitarras características do Radiohead. Thom tentou de tudo para mudar o som de sua voz, para não soar como ele mesmo, usando todos os artifícios possíveis. Ele queria que ela fosse apenas mais um instrumento da banda e enfatizasse sons, ao invés de ter um significado oral.

Yorke é conhecido por ser um vocalista com um dos maiores alcances vocais na história da música popular, além do total domínio da técnica do falsetto, tão característico em suas interpretações. Ele também gosta muito de manipular sua própria voz com programas específicos e efeitos digitais, tentando transformá-la em um instrumento musical como os outros usados pela banda.

Além disso, ele usa deliberadamente clichés e expressões idiomáticas, tentando expressar a sensação de se ter uma mente consumida por uma quantidade infinita de dados sem qualquer sentido. Em 2021 um estudo acadêmico feito descobriu que Yorke é um dos cantores de rock com o vocabulário mais amplo de toda a história do rock, devido ao número de palavras diferentes que ele usa em cada canção. Suas letras expressam um sentimento de paranoia e desespero com a situação do mundo, como se tudo estivesse completamente perdido, sem qualquer chance de uma recuperação. Podemos notar sua raiva e inconformação com o estado das coisas, tanto através do ponto de vista político quanto ambiental. Realmente a cada dia se torna mais difícil discordar dos pontos de vista dele.

O Radiohead sempre foi uma banda pioneira. Em 1997 eles já haviam criado sua página oficial na internet, com um fórum para os fãs, que os conectava diretamente com os integrantes da banda. Durante o período entre julho de 1999 a junho de 2000 Ed O'Brien escreveu um blog online no site oficial da banda, atualizando os fãs da banda sobre o status da gravação do novo trabalho. Ele escreveu que a banda havia levado sete anos para conseguir atingir tamanho grau de liberdade, que era o que eles buscavam, mas que seria muito fácil colocar tudo a perder. Além disso, fez repetidas recomendações que os fãs da banda não deixassem de ler o livro "No Logo", de Naomi Klein. A banda ficou tão impressionada com o livro de Klein que chegou a cogitar a batizar o novo álbum com o mesmo nome da obra "No Logo".

Naomi Klein, autora de "No Logo", passou a receber centenas de cartas de fãs do Radiohead após a banda declarar seu interesse em seu livro e obra. Todos eles queriam se envolver com o ativismo global proposto no livro e fazer parte do processo de mudança proposto por ela. Yorke e O'Brien em particular ficaram obcecados pela forma como o mercado global pegava obras de arte e as banalizava, as colocando no mesmo patamar de uma lata de Coca Cola ou de um tênis da Nike, como se fosse apenas mais uma mercadoria a ser vendida e consumida.

No final das sessões de gravações, a banda tinha trinta novas canções. Eles chegaram a cogitar que faria mais sentido lançarem um álbum duplo. Porém, haveria um excesso de informação musical para ser digerido pelos ouvintes e fãs da banda. Após um período de discussões, acabaram optando por lançar dois álbuns separadamente. Colin Greenwood explicou que a razão por trás de tal decisão foi a de que a banda queria lançar algo em torno de quarenta e sete minutos de música. Desta forma, acabaram escolhendo a melhor combinação

possível para atingir tal duração. Yorke afirmou que a criação da sequência das faixas é sempre a parte mais difícil para ele.

O primeiro álbum conteria apenas dez faixas, que construíssem uma narrativa coerente e se combinassem entre si. Um segundo álbum, “Amnesiac”, seria lançado nove meses mais tarde, com onze faixas. Sete faixas adicionais foram lançadas nos meses seguintes e as duas últimas ficaram guardadas durante vinte anos, sendo lançadas apenas na edição especial de vigésimo aniversário dos álbuns “KID A” e “Amnesiac”, agora agrupados em um só volume, intitulado “KID A Mnesia”.

Logo após o lançamento de “KID A”, Jonny Greenwood afirmou em uma entrevista que o processo de criação e gravação foi inicialmente muito difícil, mas, após conseguirem pegar o ritmo, tudo começou a fluir naturalmente e eles acabaram tendo dificuldade em parar, sendo esse o motivo por terem finalizado três dezenas de novas canções.

Sobre “Kid A/Amnesiac”, o baixista Colin Greenwood declarou não ter certeza de que eles fossem realmente dois álbuns distintos, pois todas as canções de ambos os álbuns foram criadas e gravadas no mesmo período, fazendo parte de um todo.

Chegou a ser debatido se a banda deveria mudar de nome ou utilizar um pseudônimo antes de lançar “KID A”, para demarcar a separação entre os três primeiros álbuns e os novos trabalhos, pois eles eram completamente diferentes e radicais, muito distintos da sonoridade típica do Radiohead. Tanto “KID A”, quanto “Amnesiac” são álbuns focados na sonoridade, não nas canções. Ed O’Brien afirmou que disse que a mudança sonora proposta refletia uma filosofia básica de vida, que é um processo em uma contínua mudança. Se nós paramos, ficamos para trás. A mudança é uma responsabilidade que cada um tem consigo mesmo.

Há rumores sobre a origem do título do álbum. Alguns afirmam que ele foi inspirado em um patch sonoro de um sintetizador. Outros alegam que “KID A” seria o primeiro bebê criado através de mutações genéticas. Não há uma resposta definitiva sobre o tema.

O álbum foi o primeiro a contar com a arte promocional do “urso mutante geneticamente modificado” criado por Yorke e Stanley Donwood. Esse símbolo acabou sendo adotado como uma espécie de mascote da banda e vem aparecendo em todos os seus lançamentos desde então. Outra fonte de inspiração para a capa do álbum foi o trabalho gráfico revolucionário do italiano Giovanni Battisti Piranesi e suas famosas prisões imaginárias.

Álbum vazou na internet um mês antes de seu lançamento. Desta vez, a banda decidiu fazer uma promoção mínima do novo trabalho, não lançando vídeos, nem singles, nem lados B, nem realizando longas tours mundiais, absolutamente nada, a não ser lançar o álbum. Disponibilizaram apenas vídeos curtos de 10 a 40 segundos com animações enigmáticas feitas por Stanley Donwood e outros artistas visuais, chamados “blips”, com trechos de canções do álbum, que foram precursores dos “teasers” utilizados atualmente, assim como das stories do Instagram e dos vídeos do Tik Tok. Deram pouquíssimas entrevistas e realizaram apenas três apresentações na América do Norte. “KID A” também é considerado o primeiro álbum a ter usado a internet como seu principal canal de promoção, atestando mais uma vez o caráter visionário da banda.

Kid A é uma obra completa, sólida, extremamente inovadora e que tem uma clara unidade. A melhor experiência que um ouvinte pode ter com o álbum é ouvi-lo do início ao fim, sem interrupção, pois cada uma das faixas complementa as outras, oferecendo aos ouvintes uma viagem musical única e inesquecível. Em uma primeira audição o álbum pode soar frio, desumano e distante. Porém, após algumas audições começamos a notar o brilho incomparável de suas canções, que lentamente revelam suas inúmeras camadas, cada uma repleta de segredos e novas descobertas. No dia 21 de fevereiro de 2001, “KID A” recebeu um prêmio Grammy por “Melhor atuação de Rock Alternativo”.

Logo após o lançamento do álbum, a banda fez uma curta tour na qual doze novas canções foram executadas ao vivo pela primeira vez. A tour acabou sendo batizada de “Kid A Tent Tour”, pois o Radiohead criou uma tenda portátil customizada com capacidade para dez mil pessoas, uma aparelhagem de som de última geração, com três telões de vídeo, efeitos de luzes e um projetor de laser. Não era permitido nenhum patrocínio na tenda, seguindo as diretrizes do livro “No Logo”, de Naomi Klein.

Cada nova apresentação da tour de “KID A” rapidamente se tornava disponível no aplicativo de compartilhamento de arquivos mais popular da época, o Napster. A banda gostava disso e apoiava a iniciativa dos fãs em compartilharem registros feitos ao vivo. Thom Yorke mostrou grande receptividade ao Napster, dizendo que ele fazia com as pessoas se entusiasmassem novamente pela música e estimulava a pirataria, pois isso era uma coisa que a indústria havia se esquecido como fazer. Ele achava tudo maravilhoso.

Um show que a banda realizou em Barcelona foi filmado e amplamente divulgado na internet, tendo sido compartilhado por milhares de usuários em todo o mundo. A banda apoiava totalmente

tal iniciativa, criando até mesmo um aplicativo em seu próprio website que permitia que qualquer pessoa fizesse um “streaming” do álbum e criasse um link direto para o álbum em suas páginas pessoais. Eles foram a primeira banda a criar algo semelhante.

Sem dúvida alguma, o Radiohead se destacou ainda mais, se tornando claramente a banda mais visionária de sua geração, criando um novo tipo de relacionamento entre artista e seus fãs e seguidores, assim como estabelecendo um novo tipo de relação com a mídia, a indústria fonográfica e a distribuição de obras musicais. Podemos seguramente afirmar que o Radiohead inventou a cultura da música contemporânea que conhecemos atualmente, baseada em compartilhamento de arquivos, streaming, stories e vídeos curtos, tão populares nas redes sociais existentes atualmente, mas que, há mais de vinte anos atrás, eram apenas sonhos futurísticos, algo que só poderia ser concebido e imaginado por uma banda de visionários, como o Radiohead.

ANÁLISE DO ÁLBUM - FAIXA A FAIXA

Everything in its Right Place

Desde sua criação ficou claro para a banda que essa seria a faixa de abertura do novo trabalho e que daria rumo e sequência à todas as outras canções do álbum. Originalmente a faixa foi composta por Yorke em um baby grand piano que ele havia comprado, embora ele não soubesse como tocá-lo bem. O vocalista chegou a declarar que essa foi a primeira canção que ele compôs em seu novo instrumento, mas ele havia sentido limitações em sua composição por se considerar um péssimo pianista. No entanto, se inspirou em Tom Waits que uma vez afirmou que o que o mantinha ativo em termos de composição era sua total ignorância sobre o instrumento que usava (o piano), de forma que tudo era novo para ele. Para Yorke, esse também foi o motivo que o levou a adotar computadores e sintetizadores nesse novo trabalho, justamente por não fazer a menor ideia de como eles funcionavam.

Embora tenha sido originalmente composta em um piano, para a versão de estúdio Yorke gravou a canção usando um sintetizador Prophet 5.

Apenas Thom Yorke, o produtor Nigel Godrich, Phil Selway e Jonny Greenwood participam dessa faixa. Greenwood sampleou e manipulou a voz de Yorke nessa faixa usando o Korg Kaoss Pad, que ele usa ao vivo até os dias de hoje.

A canção é baseada na linha de piano de Yorke, a qual foi adicionada uma batida eletrônica de bateria, adicionada pelo baterista Phil Selway, dentro do compasso de 5/4 que é uma das marcas registradas da canção.

Já em relação a letra incrivelmente simples da canção, ela foi escrita durante a crise nervosa de Yorke após o show realizado em Dublin, na tour do álbum “OK Computer”, na qual ele teve dificuldade em sem comunicar e em entender o que outras pessoas estavam dizendo a ele. Daí surgiu a pergunta feita na canção: “What was that you tried to say?” (o que é que você tentou dizer?).

Essa canção é considerada o “hino” das pessoas que sofrem de TOC (Transtorno Obssessivo Compulsivo), tendo a necessidade interminável de organizar e arrumar coisas em seu devido lugar, exatamente como o título da canção (Tudo em seu lugar correto). Além disso, se tornou um dos maiores clássicos da banda, sendo executada ao vivo em praticamente todas as apresentações do Radiohead.

Kid A

A faixa título do álbum é uma das mais bizarras e belas da coleção por uma série de motivos. Primeiramente, o vocal de Thom Yorke soa completamente distinto, pois ele foi tratado com vários efeitos sonoros, como o Vocoder e o Ondes Martenot. Tal "despersonalização" da voz de Yorke foi intencional pois, como mencionado anteriormente, ele não suportava mais ouvir sua própria voz e queria mudá-la de qualquer forma possível, usando para isso os equipamentos disponíveis no estúdio de gravação.

No entanto, esse não foi o único motivo pelo qual Yorke quis sua voz distorcida e modificada. Ele também não se sentiria confortável cantando a letra violenta da canção, que menciona cabeças espetadas na ponta de lanças. Os efeitos serviram também para mascarar um pouco a temática incomum da letra. Por fim, em entrevistas o vocalista afirmou que o som emitido por sua voz era mais importante do que as palavras em si pois, segundo ele, sem um contexto musical elas não teriam valor. O método que ele usou para a criação desta letra foi inspirado nos dadaístas, pois ele recortou palavras e frases distintas, as jogou dentro de uma cartola e as retirou uma a uma, formando a ideia central da letra de "Kid A".

Por outro lado, a parte musical da faixa "Kid A" é extremamente delicada e de rara beleza, soando quase como uma canção de ninar proveniente de um lugar distante de nossa galáxia. A melodia do vocal foi criada por Jonny Greenwood, que tocou o Ondes Martenot sobre a trilha do vocal de Yorke. Outra curiosidade sobre a canção é que Colin Greenwood não participa dela, e o baixo foi executado pelo próprio Thom Yorke.

Mesmo após toda a "despersonalização" de sua voz, o vocalista ainda assim tinha dificuldades em interpretar a canção ao vivo, por sua letra de teor pesado. Ela foi apresentada ao vivo apenas duas vezes durante a tour promocional de "Amnesiac/Kid A", só voltando a reaparecer nos setlists por um breve período em 2003, na tour do álbum "Hail to the Thief".

Por fim, quanto ao título da canção e do álbum, há basicamente duas versões não confirmadas sobre a origem de tal nome. A primeira é a de que seria o nome de um patch sonoro existente em um dos teclados usados pela banda. A segunda é a de que "Kid A" seria o primeiro bebê geneticamente manipulado a nascer. Daí o choro/grito desesperado que aparece no final da canção.

The National Anthem

Uma faixa essencial de "KID A" e que finalmente deu um novo rumo

às gravações do álbum, que havia tido sessões pouco produtivas em Paris e em Copenhagen.

A grande surpresa aqui é o riff marcante do baixo da faixa que, na gravação original, foi executado pelo vocalista Thom Yorke, já que o baixista Colin Greenwood não estava presente na sessão de gravação. Tal linha de baixo, com um efeito de fuzz, se tornou um dos pontos altos da canção. Quando a banda retomou suas apresentações ao vivo, essa faixa foi utilizada para a abertura dos shows com grande frequência, sendo executada regularmente ao vivo até os shows mais recentes da banda.

Foi usado também um efeito de Ring Modulator na voz de Thom Yorke, dando um tom robótico à sua interpretação. A faixa também foi muito influenciada por um álbum ao vivo de Charles Mingus, intitulado “Town Hall Concert”.

Houve a participação de uma banda de 8 integrantes tocando metais, com um arranjo de Jonny Greenwood. A ideia inicial era a de tentarem recriar o clima das gravações de Charles Mingus. No entanto, o resultado obtido foi um pouco diferente, soando mais psicodélico, como as canções dos Beatles da fase “Sgt Pepper’s e Magical Mystery Tour”.

Thom Yorke instruiu a seção de metais para tocar seus instrumentos como se estivessem presos no trânsito. Jonny Greenwood apresentou os músicos o arranjo que ele havia criado, que foi rapidamente descartado, pois os músicos acabaram improvisando suas interpretações, tendo sido levemente orientados por Yorke e Greenwood, que os deixaram bastante livres para darem sua contribuição musical.

Após o lançamento do álbum e de todo o sucesso que ele obteve, os músicos do Radiohead fizeram questão de presentear pessoalmente os músicos que participaram dessa faixa com discos de platina obtidos com as vendas de “Kid A”, quando estavam gravando um especial ao vivo para a TV francesa no “Canal Plus”. Thom Yorke os agradeceu pessoalmente pelo trabalho duro que haviam feito na canção e os entregou os discos de platina. Tal gesto de gratidão bastante incomum no meio musical trouxe enorme satisfação e alegria aos músicos que gravaram os metais em “The National Anthem”.

How to Disappear Completely

Essa foi uma das primeiras faixas a ser composta para o álbum, logo após Thom sofrer a crise nervosa em Dublin.

Nessa ocasião, o vocalista sonhou que flutuava sobre o rio Liffey, que corta a cidade de Dublin, capital da Irlanda. Na época ele relatou que

sua sensação havia sido mais a de uma experiência fora do corpo do que um sonho propriamente, deixando profundas lembranças e sensações em sua mente e corpo.

Durante a tour de divulgação do álbum anterior do Radiohead, o renomado "OK Computer", Thom Yorke acabou se tornando muito próximo e estabelecendo uma forte amizade com um dos seus grandes ídolos, o vocalista Michael Stipe, da banda R.E.M. Stipe era para Yorke, além de uma referência, também um grande conselheiro. Quando Yorke lhe relatou que não suportava mais a pressão dos shows, entrevistas e promoção do álbum, Stipe lhe aconselhou que, antes de cada apresentação, seu amigo fechasse as cortinas de seu camarim e repetisse para si mesmo: "Eu não estou aqui. Isso não está acontecendo" (I'm not here. This isn't happening), versos que acabaram fazendo parte da letra da canção.

Já o título da canção veio de um livro de Doug Richmond intitulado "How to Disappear Completely and Never be Found", o qual foi lido por Yorke, lhe causando um grande impacto.

Thom Yorke compôs a canção sozinho e fez uma gravação demo. Posteriormente ele alegou não ter tido mais nenhum contato com a canção após a conclusão da demo. Deixou todo o trabalho restante na canção para ser executado pelo produtor Nigel Godrich e aos seus colegas de banda.

Além do vocalista, a canção se tornou o clássico que é atualmente muito também devido à produção impecável e brilhante de Godrich e à contribuição marcante do guitarrista Jonny Greenwood. O jovem guitarrista foi o responsável por criar os arranjos orquestrais ouvidos na canção, inicialmente compostos por ele em seu lendário Ondes Martenot. Posteriormente, seu arranjo, inspirado no compositor polonês Krzysztof Penderecki, foi transcrito para cordas e a Orchestra of Saint John's o gravou para o álbum. Na versão final do álbum, podemos ouvir a orquestra e Greenwood tocando juntos, criando um efeito realmente mágico e envolvente, alçando a canção a um patamar ainda mais elevado de beleza e criatividade.

Thom Yorke declarou que essa é a canção pela qual ele gostaria de ser lembrado, pois é a composição mais bela que a banda já criou até hoje.

Treefingers

A primeira faixa totalmente instrumental de toda a carreira da banda, na qual apenas o guitarrista Ed O' Brien participa tocando guitarra, que soa como teclados, após a manipulação de seu som feita pelo vocalista Thom Yorke.

É uma canção misteriosa e fascinante. É a que mais evoca a imagem da capa do álbum, dando ao ouvinte a sensação de andar por um planeta desconhecido gelado, estranho, mas extremamente belo.

Foi originada de uma gravação de 10 minutos de guitarra improvisada tocada por Ed O'Brien.

A faixa capta perfeitamente a essência do álbum. Sem dúvida é a mais experimental de todas da coleção.

Optimistic

Essa faixa foi gravada diretamente ao vivo no estúdio, com toda a banda contribuindo ao mesmo tempo. As guitarras possuem uma sonoridade distinta, devido à afinação alternativa que é usada na gravação. O timbre e afinação empregadas aqui nos remetem ao trabalho do guitarrista Jimmy Page, em seus anos de Led Zeppelin.

Já o baterista Phil Selway usou um antigo kit de bateria de jazz, a fim de obter a sonoridade que buscava. Ele tem uma participação marcante na faixa, com uma interpretação impecável.

Já a letra da música é uma crítica de Thom Yorke a economia global moderna e ao capitalismo de uma maneira geral, no qual os "peixes grandes comem os peixes pequenos" e "os dinossauros perambulam pela Terra". Ele também demostra sua impotência e desespero com a situação que vivencia ao descrever que se sente como "uma marionete nervosa e perturbada flutuando em um navio prisão". Excetuando o título, é uma canção sombria e pessimista, abordando os males da sociedade de consumo em massa em que vivemos.

Alguns trechos da letra foram originalmente ditos pela ex-esposa de Thom Yorke, Rachel Owen, quando ele lhe relatava sobre as dificuldades que a banda estava tendo no novo trabalho. Foram particularmente importantes as partes que ela lhe disse que "você pode tentar o melhor que puder. O melhor que puder é bom o suficiente.", além de outra passagem, na qual ela lhe disse "Eu realmente gostaria de ajudar você cara".

Devido ao apoio recebido de sua esposa, inicialmente Thom batizou a canção de "Rachel's Song".

In Limbo

Originalmente essa canção se chamava "Lost at Sea" e foi uma das primeiras a serem trabalhadas pela banda nas sessões de gravação do álbum.

Quanto à sua inspiração musical, ela foi influenciada pela obra de Miles Davis do final dos anos 1960 e início de 1970, no qual passou a

criar faixas mais longas e experimentais em seus trabalhos. O Radiohead sempre foi uma banda muito apreciadora de jazz, frequentemente incorporando instrumentos, sonoridades e ideias presentes em grandes clássicos do gênero, particularmente nos trabalhos de John e Alice Coltrane, Charles Mingus, além de Miles Davis. Até mesmo o teclado usado por Thom Yorke, um Fender Rhodes, é um instrumento clássico de álbuns de jazz mais experimentais.

A peculiar guitarra arpegiada é tocada por Jonny Greenwood em vários canais, existindo várias guitarras sendo executadas simultaneamente em sincronia. Justamente pela sonoridade obtida pelas guitarras de Jonny, Thom disse que essa faixa o fazia lembrar no grupo "The Police", por sua semelhança ao trabalho realizado por Andy Summers e pelos compassos incomuns e diferentes executados pelos instrumentos. O efeito conseguido é realmente bastante hipnótico e viajante.

É uma canção raramente tocada ao vivo pela banda pois é de difícil execução, sendo impossível reproduzir ao vivo todas as guitarras gravadas por Jonny Greenwood no estúdio. Além disso, a parte rítmica exige enorme concentração e sincronia dos músicos para que o andamento correto não se perca ao longo da canção.

Idioteque

Uma das faixas principais e mais queridas pelos fãs em todo o álbum. Um dos pontos altos de todos os shows do Radiohead.

Sem dúvida é a canção mais eletrônica de KID A, possuindo uma forte e marcante presença de baterias e percussões eletrônicas, que criam uma base sobre a qual Thom Yorke canta sua letra desesperada, cuja temática central é o aquecimento global.

O vocalista mostra todo o seu temor alertando que não é questão de alarmismo, pois "isso está realmente acontecendo". Em várias entrevistas conduzidas na época do lançamento do álbum, Thom Yorke afirmou claramente que vivia apavorado com o aquecimento global e com a destruição que isso traria para o planeta. Disse que chegou a ter vários pesadelos sobre o assunto e temia pela própria vida, assim como a de seus filhos.

O título da canção é uma espécie de trocadilho com a palavra idiota, discoteca (devido à batida eletrônica da canção) e tecnologia, se referindo a pessoas obcecadas por tecnologia e aos "idiotas" que não conseguem ou se recusam a ver os efeitos do aquecimento global sobre o qual nosso planeta vem passando nas últimas décadas.

A faixa inclui samplers das obras de dois compositores obscuros de

música eletrônica, Arthur Krieger (Short Piece) e Paul Lansky (Mild und Liese), encontradas em um álbum chamado First Recordings - Electronic Music Winners. Ambos os compositores autorizaram o uso de suas composições pela banda e foram incluídos nos créditos do álbum. Krieger particularmente é um grande apoiador da banda, declarando ter apreciado muito o uso que o Radiohead fez do trecho de sua composição.

Morning Bell

A faixa surgiu nas gravações realizadas em Copenhagen, no início do processo de composição do álbum. Foram gravadas várias versões diferentes da canção, sendo que uma está presente em KID A e a outra oficialmente lançada está no álbum seguinte, “Amnesiac”, sob o título de “Morning Bell/Amnesiac”. No entanto, a versão que a banda executa ao vivo é a lançada em “KID A”.

Mais uma faixa na qual Thom Yorke usa seu teclado Fender Rhodes e o baterista Phil Selway tem uma marcante atuação.

Foi inicialmente inspirada em um relato de uma visita de um fantasma à casa de Yorke no litoral da Inglaterra. A letra é marcada pelo humor negro e sarcasmo do vocalista, tendo até mesmo toques de violência, pois o autor estava passando por uma fase na qual estava obcecado com a morte.

No entanto, a temática central da canção é uma crise de relacionamento entre um casal. Inicialmente o casal parece se entender, e um dos cônjuges diz para o outro que “você pode ficar com a mobília”. Mais tarde, o cenário piora, quando o mesmo cônjuge diz ao outro que “suas roupas estão no gramado, junto com a mobília”. No final da canção, o relacionamento já está totalmente desgastado e um dos cônjuges propõe ao outro uma solução para a guarda dos filhos “vamos cortar as crianças pela metade”. Sem dúvida, um exemplo nítido do humor ácido de Thom Yorke.

Motion Picture Soundtrack

É considerada a faixa mais antiga do álbum, pois aparentemente foi composta na mesma época que “Creep”, do primeiro álbum do Radiohead. Posteriormente foi trabalhada para ser incluída no álbum “OK Computer”, mas acabou não sendo usada novamente. Finalmente veio à público como a faixa final de “KID A”.

Musicalmente, é uma faixa inspirada nos trabalhos de Tom Waits, um artista muito respeitado pela banda. Na canção, Thom Yorke toca um harmonium, enquanto Jonny Greenwood usa seu lendário Ondes Martenot. Greenwood também sampleou sons de harpas que foram

amplamente usados na canção, a fim de replicar os musicais da Disney e fazer uma alusão ao idealismo dos antigos filmes de Hollywood.

A letra é bastante triste, com uma forte carga emotiva e de sofrimento. Aborda uma despedida de um ex-parceiro, que deixa o outro para trás, sentindo muito sua ausência e vivendo de saudades da pessoa que partiu. Alguns ouvintes até mesmo pensam que se trata de uma carta de despedida de alguém que vai se suicidar, pois na letra há um trecho em que é dito que “te verei na próxima vida”. Alguém que está tentando afogar suas mágoas com vinho tinto e pílulas para dormir, pedindo ajuda em vão voltar para os braços de seu amado/a, o seu lugar, após tentativas frustradas em encontrar satisfação em sexo barato e em filmes tristes.

Há uma desilusão por parte do personagem da canção, pois ele acreditava que a vida seria como os filmes de Hollywood (daí o emprego dos samplers de harpas usado por Jonny Greenwood), pois eles mentem para nós, nos levando a acreditar em cartas de amor que, na realidade, acabam sendo queimadas, sem nunca terem sido lidas.

Uma canção belíssima, triste e perfeita para encerrar a maior obra prima da carreira do Radiohead.

O LEGADO DE “KID A”

A banda passou um longo tempo selecionando as faixas que seriam incluídas em “Kid A”, as separando das restantes que seriam lançadas posteriormente no álbum seguinte, “Amnesiac” e em seus singles. Yorke declarou que a sequência das faixas no álbum é algo essencial e uma das coisas mais difíceis de serem feitas corretamente, sempre gerando grandes dificuldades e conflitos internos na banda. Por fim, foram selecionadas as dez faixas e sua sequência para formar uma peça completa, com uma identidade muito clara e única.

“Kid A” foi o álbum que mudou a carreira do Radiohead, podendo ser considerado um divisor entre os trabalhos anteriores e os que vieram após seu lançamento. Embora inicialmente houvesse um certo receio em como o novo trabalho seria recebido, logo essa dúvida desapareceu, pois “Kid A” foi extremamente bem recebido pelo público, levando o álbum a atingir o primeiro lugar das paradas no EUA e no Reino Unido.

Apesar das críticas não terem sido muito favoráveis ao novo trabalho, o acusando de ser muito difícil, inacessível e frio, ele continua sendo um dos mais queridos por todos os fãs da banda e altamente respeitado por músicos não só de rock, mas de todos outros estilos musicais, desde os músicos clássicos, até os jazzistas, bluesmen e astros pop. Bono adorou o álbum. Michael Jackson e Madonna ambos disseram que foi o álbum favorito deles lançado naquele ano.

A banda decidiu lançar o álbum sem singles, sem campanha promocional e com poucas entrevistas e apresentações ao vivo. A música de “Kid A” falava por si só. Além disso, a banda se recusou a imprimir as letras das canções na capa do álbum. Na realidade, o próprio Thom Yorke sequer explicou a maior parte delas aos outros quatro membros da banda, lembrando que há partes em que sequer conseguimos compreender o que ele canta.

Em sua defesa, Yorke alega que é da natureza humana procurar significado em tudo, mas ele sempre resistiu à ideia de que sempre deve haver algum sentido em suas letras. De alguma forma, é isso que as limita a algo menos profundo do que elas realmente representam. O vocalista afirma que o mais importante é o sentimento que surge ao se ouvir ou cantar tais letras, que é mais importante do significado das palavras das letras das canções.

Ao invés de lançarem vídeos promocionais do álbum, Thom Yorke e seu parceiro Stanley Donwood, responsável por toda a arte gráfica dos trabalhos do Radiohead, criaram “blips” de menos de um minuto de duração, que eram mini vídeo clips com trechos do álbum. A lógica empregada por Yorke para a utilização desta forma pioneira de

promoção, décadas antes do surgimento dos “stories” do Instagram e dos mini vídeos do Tik Tok foi a de que quatro minutos seria uma duração longa demais para um comercial de um automóvel. Desta forma, seria também seria longa demais para uma canção em um álbum.

Antes do lançamento de “Kid A”, que ocorreria entre setembro e outubro de 2000, a banda começou a pensar e planejar algo radicalmente inovador. Fariam a promoção do novo trabalho sem usar os locais normais utilizados para a realização de shows. Ao invés disso, eles usariam uma tenta portátil com capacidade para dez mil pessoas para as vinte e uma apresentações que fariam do novo álbum. Projetaram uma tenta com uma acústica perfeita, sem qualquer tipo de logotipo, inspirados pelo livro “No Logo” de Naomi Klein, uma jornalista canadense que havia lançado esse seu best-seller que em pouco tempo se tornou um marco na luta do movimento antiglobalização. Essa tour ficou conhecida como a “Tent Tour” (Tour da tenda).

A medida em que a tour ocorreu na Europa a banda se tornou cada vez mais confortável e confiante com o novo caminho e proposta musical que havia escolhido. Todas as sete novas canções executadas ao vivo foram extremamente recebidas pelas plateias. Nessa tour, apenas três das dez faixas de “Kid A” não foram executadas ao vivo: “Treefingers”, “Kid A” e “Motion Picture Soundtrack”. A própria banda ficou surpresa com a receptividade que tiveram com seu novo material e direcionamento musical. A animação e entusiasmo das plateias excedeu suas expectativas mais otimistas.

A nova sonoridade criada pelo Radiohead em “Kid A” redefiniu o conceito de que seus fãs tinham do som da banda, que se tornara algo muito mais complexo, rico e inovador do que até então.

Para Thom Yorke, o ponto alto de todo o período foi a apresentação que fizeram no renomado programa de TV americano, “Saturday Night Live”, no qual tocaram “The National Anthem”. Eles tiveram uma atuação memorável, contando com a seção de metais dos músicos do programa para recriarem ao vivo a gravação original do álbum de forma inesquecível.

“Kid A” é um daqueles álbuns realmente clássicos, cuja popularidade só cresce com o passar dos anos, já sendo considerado um dos mais influentes do novo milênio e um dos melhores de todos os tempos. Em uma votação da conceituada revista “Rolling Stone”, Kid A foi considerado o 20º maior álbum de toda a história da música. Um álbum que foi feito para o século XXI. Nenhum outro trabalho de qualquer outro artista criou algo parecido, nem antes ou depois deste

clássico. “Kid A” abriu as portas sonoras e musicais para o novo milênio. O mundo da música nunca mais seria o mesmo após a revolução sonora criada com a obra prima do Radiohead. Embora o rock tenha perdido parte de sua relevância no mundo musical atual, “Kid A” continua sendo tão inovador e essencial hoje em dia como o foi no dia de seu lançamento. Um verdadeiro marco na história da música moderna.

“Kid A” é considerado um trabalho que vai além da música, pois conseguiu captar toda a cultura e espírito de uma época e, ao mesmo tempo, abrir as portas para um futuro desconhecido e fascinante, com inúmeras possibilidades que até então eram desconhecidas e que só puderam ser vislumbradas por nós graças ao trabalho pioneiro e totalmente revolucionário dessa extraordinária banda, repleta de músicos geniais e de um vocalista e compositor genial e visionário. Esse é o maior legado de “Kid A”: ter aberto as portas para o futuro da música.

Você gostou do e-book? Então entre em contato com o autor através do e-mail:

marcoandrebriones@gmail.com

Quer ajudar o autor do e-book a escrever novas resenhas e análises detalhadas de outros álbuns clássicos? Que tal então comprar os produtos relacionados ao artista analisado diretamente no site da Amazon do Brasil? Usando os links fornecidos abaixo para suas compras você estará dando sua contribuição diretamente. Muito obrigado por seu apoio!

LINK PARA A AMAZON

BIBLIOGRAFIA

Fear Stalks the Land! A Commonplace Book, por Thom Yorke e Stanley Donwood

Kid A, por Marvin Lin

Radiohead – The Complete Guide to their Music, por Mark Paytress

Radiohead – Every Album, Every Song, por William Allen

Radiohead FAQ – All that's left to know about the World's most famous cult band, por Dan Caffey

Exit Music – The Radiohead Story – updated edition, por Mac Randall

Kid A mnesia, por Thom York e Stanley Donwood

Thom Yorke – Radiohead and Trading Solo – por Trevor Baker

Radiohead and the Resistant Concept Album – por Marianne Tatom Letts

Present Tense: A Radiohead Compendium – por Barney Hoskyns

Radiohead – por Brandon Hurst

This Isn´t Happening – Radiohead's Kid A and the beginning of the 21st century – por Steven Hyden

Radiohead – Life in a Glasshouse – por John Aizlewood

PLAYLIST NO SPOTIFY

Agradecimentos especiais à Eder Sandoli.

LINKS PARA O YOUTUBE

https://www.youtube.com/watch?v=zJdYlUiWAVY

https://www.youtube.com/watch?v=9sTGIW74JBs

https://www.youtube.com/watch?v=-B6FFaWMgDE

https://www.youtube.com/watch?v=zw1kDxjDSxk

https://www.youtube.com/watch?v=exBsYMGR9kE

https://www.youtube.com/watch?v=jQCJKWEFyG4

https://www.youtube.com/watch?v=gGrafPJ4egA

https://www.youtube.com/watch?v=0MmpUIdGcyU

https://www.youtube.com/watch?v=AYR-1lAxVPM

https://www.youtube.com/watch?v=S_kOpU7k4XU

Copyright © **2022** de **Marco André Briones**
Todos os direitos reservados. Este ebook ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do ebook.
Primeira edição, 2022

marcoandrebriones@gmail.com

SOBRE O AUTOR

Escritor, fotógrafo, professor de idiomas (inglês e francês), tradutor, intérprete, colunista, pesquisador histórico. Sem dúvida, Marco André Briones é uma pessoa com muitas habilidades e interesses variados. É também um amante dos animais, particularmente de cães e gatos, é guitarrista amador e vocalista de uma banda de rock em seu tempo livre e um apaixonado pelas viagens, procurando sempre descobrir o que há de mais peculiar em cada local, registrando suas descobertas em fotos e textos.

Marco é um grande estudioso de história, idiomas e música. Desde pequeno se interessa pelo rock, quando descobriu os Beatles. Depois foi descobrindo outras bandas, artistas e estilos musicais que também são de seu interesse e agrado, como o jazz, blues, música clássica, MPB e música instrumental.

Criador da série “Desvendando Álbuns Clássicos do Rock”, inovou ao realizar pesquisas inéditas no Brasil sobre os maiores álbuns de suas bandas e artistas favoritos, disponibilizando livros específicos sobre cada um deles, que são os mais completos disponíveis em língua portuguesa no mundo.

Atualmente está trabalhando no aumento de títulos disponíveis na série, assim como em outros títulos diferentes, abrangendo temas variados como o turismo nacional e internacional, história do Brasil, poesia e contos.

Email:

marcoandrebriones@gmail.com

Instagram:

@mbriones68

@marcobrionesphotography